



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ALFREDO FERNANDO AIRES DE LOS SANTOS**

**(depoimento)**

**2009**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-149

**Entrevistado:** Alfredo Fernando Aires de los Santos

**Nascimento:** 07/10/1961

**Local da entrevista:** Biblioteca da ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Amanda Peruzzolo e Hannah Aires

**Data da entrevista:** 20/10/2009

**Transcrição:** Anderson Sbaraini

**Conferência Fidelidade:** Hannah Aires / Tuany Defaveri Begossi

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:** Hannah Aires

**Fitas:** Gravador digital

**Total de gravação:** 24 minutos

**Páginas Digitadas:** 9

**Catalogação:** Luciane Silveira Soares

**Registro:** Vera Maria Sperandio Rangel

**Número de registro:** 02153/2010/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

SANTOS, Alfredo Fernando Aires de los. *Alfredo de los Santos (depoimento, 2009)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Trajetória, envolvimento e desenvolvimento com o Karatê no estado do Rio Grande do Sul; trajetória de prática e treinamento do Karatê em seu país de origem, o Uruguai; criação e atuação na Federação Sul RioGrandense de Karatê do Tradicional.

Porto alegre, 20 de outubro de 2009. Entrevista com Alfredo Aires a cargo das entrevistadoras Hannah Aires e Amanda Peruzzolo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

H.A. – Como se deu o seu início no Karatê<sup>1</sup>?

A.S. – Tinha onze anos. Foi na Argentina. Não fui iniciado por ninguém. Eu fazia Judô<sup>2</sup> antes e o meu professor disse que eu deveria fazer Karatê e não Judô. Meu professor de Judô era japonês e me disse que estavam vindo de barco dois mestres do Japão e que chegariam a qualquer momento. Nessa época, eu era pequeno e, na minha cabeça, essas palavras entravam e saíam. Um dia eu estava passeando pela rua e escutei um grito. Então, comecei a olhar para todos os lados [riso] procurando de onde vinha. Até que eu escutei o grito de novo e descobri de onde vinha. Entrei às cinco da tarde para olhar a aula e quem estava dando aula era a pessoa que hoje é meu mestre. Fiquei cinco horas assistindo aquilo, [palavra inaudível]. No outro dia eu voltei para fazer Karatê. Despedi-me do meu professor de Judô e comecei a fazer Karatê [riso].

H.A. – Quais foram as tuas influências? Tua família te ajudou, ou teus amigos, o local te chamou a atenção?

A.S. – Ajuda, eu não tive nenhuma. Primeiro porque meu pai não sabia que eu fazia Karatê. Ele achava que eu estava fazendo aulas de Judô. Então, ele pagava a mensalidade do Judô e eu treinava Karatê, usando o dinheiro da minha mesada para pagar. Durante seis meses passei sem ir ao cinema, sem sair com os amigos, sem nada. Eu fazia Karatê sem autorização do meu pai. Ele achava que Karatê não era bom. O que era bom era o Judô, mas, na verdade, ele não conhecia bem nenhum dos dois. Um dia estava treinando Karatê, e, quando me virei [riso] de costas, vi que meu pai estava na academia. Ele havia me seguido e descobriu onde eu estava. A partir disso, eu levei um xingão, porque eu deveria ter ao menos contado, mas minha vida financeira melhorou também [riso]. Continuei a praticar Karatê, agora sim com a aceitação do meu pai. Ele conversou com meu professor,

---

<sup>1</sup> Karate: arte marcial de origem japonesa, que busca formar condutas através da prática de tal arte.

<sup>2</sup> Judô: arte marcial de origem japonesa com um forte viés educacional.

o qual quase não falava espanhol. [trecho inaudível]. Influências de dentro de casa, não tive nenhuma. Naquela época, anos 1972, 1973, pouco se sabia sobre artes marciais, pouco se era comentado. [trecho inaudível].

H.A. – Nós ficamos sabendo através da nossa professora...

A.S. – A Johanna<sup>3</sup>?

H.A. – É, pela Johanna, que tu moraste também algum tempo no Uruguai [riso]. Então, tu és uruguaio. E nós queríamos saber como é que foi essa tua passagem. Teu professor morava em Buenos Aires<sup>4</sup>, com quem que tu treinavas no Uruguai? Como foi todo esse teu percurso até treinar Karatê no Uruguai?

A.S. – Bem, sou filho de pais separados. Então, eu deveria morar um tempo com meu pai na Argentina e um tempo com minha mãe no Uruguai. Eu nasci no Uruguai e, a partir disso,... No Uruguai existia um colega meu que também era aluno desse professor. Então, quando não estava em Buenos Aires, estava em Montevideú<sup>5</sup> treinando com essa pessoa.

H.A. – Por que e como tu vieste para o Brasil?

A.S. – A princípio, foi simplesmente a convite de outro colega. Eu estava saindo de uma competição e tinha um amigo que morava aqui no Brasil, que assistiu a competição e soube que eu tinha ganhado. Então, ele disse: “Você tem que vir aqui para o Brasil”, eu perguntei: “Mas onde você mora?”, ele disse: “Eu moro no Brasil”, “mas em que lugar do Brasil?”. Então, ele me disse que morava em Carazinho<sup>6</sup>. Então, ele disse: “não, você precisa conhecer”, e eu disse “Um dia eu vou”. Na época em que eu estava para me mudar, ia morar definitivamente em Israel. Então, meu pai e minha mãe me pediram: “Porque antes de você ir para Israel, não vai até o Brasil, atende seu amigo, conversa com ele, vê como são as coisas lá”. Eles tinham medo que eu fosse e não voltasse mais, e o Brasil era mais perto. Eles disseram: “Você vê quais são as possibilidades”, e eu disse: “Mas não

---

<sup>3</sup> Johanna Coelho Von Muhlen: doutoranda da ESEF/UFRGS.

<sup>4</sup> Capital da Argentina.

<sup>5</sup> Capital do Uruguai.

<sup>6</sup> Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

quero viver de Karatê. Karatê para mim é outra coisa”. Eu disse que iria para o Brasil. Então, eu fui no carnaval para Carazinho. Eu tinha 20 anos e uma noite eu saí [risos] na cidade, olhei para os lados e não tinha ninguém. Então, perguntei onde estavam as pessoas e um rapaz me disse: “Estão assistindo novela”. Fiquei conversando com o meu amigo e ele: “O que você achou?” e eu, “Não, está tudo bem”, e ele: “Mas gostou?”, e eu disse: “Não, não dá. A cidade é muito pequena, não tem nada para fazer”. Voltei para Montevideú, fui embora. Nesse tempo, veio outro amigo meu, que era o professor, com quem eu treinava no Uruguai, e foi conhecer como era Carazinho, e disse: “Também não dá”. Eu estava com todas as coisas prontas para viajar, isso era março de 1982, e esse meu amigo que morava no Brasil continuou insistindo. Me enviava uma carta por semana e me telefonava. Um dia ele disse: “Você vai embora em setembro para Israel, fica em Carazinho de abril até setembro, depois não te incomodo mais”, e naquela cidade mais de três meses Karatê não vai ter, é muito pequena. Bom, dia 20 de abril viajei para o Brasil. Chegando aqui, dia 3 de Maio comecei a dar aula, um mês depois eu tinha 80 alunos. Se passavam os meses e o número de alunos continuava aumentando e não tinha mais como largar o que eu tinha iniciado. De certa maneira meu pai e minha mãe disseram [trecho inaudível]. Aí fiquei aqui no Brasil.

A.P. – De aluno tu passaste para professor?

A.S. – Sim. É engraçado porque, nas artes marciais - é bom você salientar isso - tem um estigma que fala: “Ah, o cara chega a faixa preta e já é mestre ou é professor”. Enquanto que, na verdade, não é mestre nem professor. Ele tem um conhecimento a mais sobre as pessoas que não praticam artes marciais, mas não possui nenhum curso profissionalizante que o torne mestre. No meu caso, no Uruguai de 1972 a 1982 as artes marciais estavam controladas pelas forças armadas, pelo exército, pelo governo. Eles tinham criado uma comissão de artes marciais, de intervenção, porque eles as consideravam perigosas para o próprio governo, e tinham atrelado essa comissão com a Escola de Educação Física do Uruguai. Então, você só podia dar aula de arte marcial se fizesse quatro anos de um curso dentro da Escola Educação Física que te habilitava como instrutor de artes marciais, de Karatê ou qualquer arte marcial. Eu fiz esse curso dos 13 aos 20 anos, e comecei a dar aula com 15 anos. Nessa idade já tinha umas 80 criancinhas para quem eu dava aula. Elas aconteciam em um clube bancário. Esse era o único título que eu tinha como profissional

de Karatê. No entanto, tinha estudado quatro anos para ser profissional, especificamente. Agora, ao chegar aqui no Brasil, tinha muita gente que era faixa preta e era “formado” faixa preta, e muitos deles não tinham nem o primário concluído. Então, isso era a maior discussão. Até agora é assim. Eles são mestres e não tem formação alguma.

H.A. – Nós queríamos saber também, como foi a tua trajetória em competições, tanto no Uruguai como aqui?

A.S. – Bom, no Uruguai, competi muito mais. Desde o início até os 18 anos fui sempre campeão nacional. Naquela época, só se permitia lutar a partir dos 18 anos. Então, eu competia em “Kata”<sup>7</sup>. Sempre fui campeão nacional na minha categoria. Depois de uns sete anos passei a fazer parte da seleção nacional e viajar para o exterior. Sempre fomos campeões por equipes nas competições em que participávamos, mas isso verdadeiramente não era meu foco dentro da prática. Sempre gostei mais [riso] da questão do que é a própria arte marcial, do que ela pode propiciar como ser humano, como praticante, se ela é efetiva ou não é. A competição era o momento em que você conseguia colocar em prática aquilo que você treinava.

H.A. – E qual é a tua visão sobre o Karatê que tu encontraste aqui no Brasil, e o Karatê que tu praticavas no Uruguai, na Argentina?

A.S. – Totalmente diferente, tanto na base como na estruturação desportiva. Tanto a Argentina como o Uruguai tem uma história de trabalho institucional muito mais longa que aqui no Brasil. Institucionalmente tanto na Argentina como no Uruguai as questões quer sejam desportivas ou sejam outras, são tratadas de maneira um pouco diferente. Aqui, às vezes, tanto faz como tanto fez. Isso falando de desporto é complicado, pois aqui só se lembram dos esportes um pouco antes de uma eleição. Não há um trabalho sério a longo prazo. Hoje algumas coisas estão mudando. É necessária muita insistência para os próprios líderes. No entanto, no Uruguai nós competíamos e era o governo que ajudava. Então, você encontrava muita diferença. E a maior diferença que tinha é que lá, para chegar a qualquer cargo “top”, você tinha que ter uma formação específica, uma formação por trás de você, e aqui eu chegava, e falava com uma pessoa que estava dirigindo um lugar e começava a

conversar e, de repente, via que não encontrava nada. Só tinha uma faixa preta e uma graduação. E, como que eu poderia dizer... A resposta quando você perguntava alguma coisa era: “Você! Faça tal coisa e não questione”, [trecho inaudível]. Essas foram umas das principais diferenças. E eu tinha 20 anos. Então, quando você tem 20 anos e não gosta de alguma coisa, simplesmente vira as costas e sai andando, sem ter uma conotação política por trás.

H.A. – Tu chegaste no Brasil e foi para Carazinho que era uma cidade pequena. E lá tu encontraste muita resistência para começar a dar aula nesses lugares?

A.S. – Não.

H.A. – Foi difícil?

A.S. – Não, eu fui o introdutor do Karatê naquela região. Imediatamente fui contratado e comecei a trabalhar. Não tive nenhum problema. Aliás, uma coisa que eu devo agradecer ao Brasil é a oportunidade de conseguir me desenvolver nessa área, na área que eu gosto, a área na qual eu sempre me desenvolvi. Talvez no meu país eu teria conseguido me desenvolver mais esportivamente. Agora, como profissional, seria muito difícil, tanto no Uruguai como na Argentina.

A.P. – Tu começaste em Carazinho com um amigo teu logo que tu começaste a dar aula?

A.S. – Eu comecei a dar aula numa academia. Esse amigo meu que foi o que fez a tramitação para eu [palavra inaudível]. Ele era dono de restaurante e tudo mais...

A.P. – Tinha os contatos?

A.S. – É, e ele também queria treinar.

H.A. – E mais sobre a sua [risos], qual é a tua formação acadêmica?

---

<sup>7</sup> Kata: forma de luta “imaginária”, ou seja sem um oponente físico.

A.S. – Eu sou formado em Educação Física, [palavra inaudível], fiz minha especialização aqui na UFRGS e uma das professoras foi a professora Silvana<sup>8</sup>.

H.A. – E a tua passagem de atleta para professor, treinador agora, como foi? Houve para ti alguma mudança significativa, foi uma questão de “status” ou foi algo que foi acontecendo?

A.S. – Boa pergunta. Eu acho que toda pessoa que pratica alguma coisa durante muito tempo, em determinado momento, vai gostar de transferir isso. Muitas pessoas não servem para isso. Muitas pessoas são campeãs e não conseguem ensinar uma pessoa, não conseguem transmitir isso para outra pessoa. No entanto, no meu caso em particular, foi muito fácil essa profissão, foi até natural porque, primeiro como eu já tinha falado antes para vocês, eu não vim ser profissional aqui, eu já dava aulas lá. A minha primeira [riso] aula que foi um pouco conturbada, porque eu trabalhava com aquele meu colega que era aluno também do meu professor e dirigia uma turma de umas 80 crianças no clube da Associação de Bancários do Uruguai. Ele precisou ir dar aula em outro clube e não podia mais dar aula junto comigo. Ele me disse: “Com esse grupo, você tem que ficar”, eu disse: “Eu não, está louco?”. E assim continuou durante um mês: “Você tem que ficar”, “não consigo”. “Não, você está estudando, está fazendo o curso comigo”. Eram todos pequeninhos, e, como nós poderíamos dizer, ele era o professor e eu era o segundo. E se eu dissesse [trecho inaudível]. Um dia ele chegou, foi dar aula, começou o aquecimento, deu dez minutos de aula, olhou para o relógio, se virou para mim e disse: “Eu tenho que ir embora, tenho um compromisso”. Eu fiquei parado [risos] na aula na frente de todos, dos meus coleguinhas [palavra inaudível]. Aí ele me disse: “Você continua?”. Vou dizer que não na frente dos outros? Eu disse sim. Bom, nunca mais voltou. A partir desse dia, ele foi a uma reunião com os pais e os pais depois me falaram que eles já sabiam disso. Ele nunca mais voltou e eu continuei trabalhando com eles durante três a quatro anos. Então, essa questão de eu ensinar aquilo que eu já sabia, já estava fazendo a tempo, aquilo foi um primeiro momento.

H.A. – E nós ficamos sabendo também, pela nossa professora, e por outras fontes [riso], que o senhor dirige uma Federação de Karatê<sup>9</sup> aqui no Estado. Queríamos saber como que

---

<sup>8</sup> Silvana Vilodre Goellner

ela surgiu, como que ela está estruturada e como que ela se relaciona com o projeto aqui do Rio Grande do Sul?

A.A. – Desde 1997 eu estou à frente, dirigindo uma organização não governamental. Quer dizer, a nossa federação não recebe apoio nenhum do governo do estado. Ela se mantém com os próprios subsídios, ou seja, o que ela recebe, transfere para seus associados. Antes eu fazia parte de outra federação que existe até hoje. Uma federação governamental que recebe apoio da [palavra inaudível], recebe apoio de várias organizações do estado. No entanto, a meu ver, na época, eles se afastaram do princípio, da ideia de Karatê. Nas artes marciais, como na maioria dos esportes, - isso aqui é bom salientar -, que, enquanto você é atleta ou é praticante... Vocês duas, por exemplo, são colegas hoje, você tem certos ideais. Esses ideais, às vezes, quando você chega à determinada idade e você muda de atleta para dirigente, se esquece desses ideais. Vira o que se chama aqui de cartola, e é incrível, porque eu tenho observado isso em muitas pessoas. Eles, sendo cartolas, se esquecem de tudo que passaram, se tiveram dificuldades, que o atleta é o último sempre, que tem maior dificuldade, [trecho inaudível] forma de ganhar dinheiro. Então, comecei a perceber isso nessa outra organização. Simplesmente me afastei. Tinha meus amigos e uma discussão foi essa também que eu digo: "Poxa vida, enquanto todos nós éramos atletas, tínhamos uma maneira de pensar diferente. Por que vocês mudaram, se esqueceram? Os que vêm estão precisando de uma forma diferente também?". Não que agora vá modificar. Continuei trabalhando de 1991 a 1997 independentemente, sem participar de nenhuma federação nem nada. Em 1997, eu recebi o convite do presidente da confederação para dirigir a federação. Eu tenho outro amigo também que hoje dirige indiretamente uma organização não governamental, que é a Parceiros Voluntários. Ele disse: "Vamos começar a colocar em prática conceitos". Sempre conversávamos sobre esses conceitos para o futuro, para modificar, para que o jovem que venha se sinta amparado não só no momento da competição, e sim, o após também. Ele vai competir [palavra inaudível] vai sair com uma formação mínima para poder trabalhar com isso depois e ter um retorno. Esse retorno também, no futuro, vai bater na própria organização. Ou seja, ele vai atuar como um multiplicador de pessoas. Você primeiro é favorecido e depois você favorece ensinando aquilo que você aprendeu. Então, desde 1997 estamos trabalhando dessa maneira. Hoje a nossa organização tem mais de seis mil filiados aqui no estado. Então, estamos presentes

---

<sup>9</sup> Federação Sul Rio grandense de Karate do Tradicional.

em mais de quarenta municípios diretamente e, como poderia dizer, o objetivo do trabalho é [palavra inaudível]. Então, o atleta sempre vai em primeiro lugar. Hoje estamos dando muita atenção também a formação do profissional, enquanto outras organizações permitem que profissionais simplesmente, quando tem a faixa preta, dêem aula. Eu, como profissional de educação física, seria um contrasenso permitir que, uma pessoa que não tem a formação específica, desse aula. Então, temos um curso de instrutores no qual se exige que, de preferência, seja profissional da educação física ou estudante pela pessoa que venha fazer o curso ou que tenha curso superior. Assim, o nível do ensinamento, que é passado para o futuro aluno, muda, porque a percepção daquela pessoa que estudou, que tem um curso superior, é bem diferente daquela pessoa que nunca estudou nada. Não tenho nada contra [palavra inaudível]. Isso se transfere de uma forma e tem só um nome: educação. Então, é essa noção [palavra inaudível] que trabalhamos até hoje.

H.A. – E como está o teu trabalho fora da federação e a organização dela agora? Como ela está dividida? Se ela está organizada em cada cidade. Como se dá essa organização? Como funciona?

A.A. – Bom, particularmente, quando vislumbrei aquela questão dos cartolas e tudo mais, uma das questões que eu coloquei para mim mesmo era que a federação não iria ser o quintal da minha casa. Eu tenho minha academia, trabalho e me sustento com a minha academia. Quando presto serviço como técnico, como examinador e tudo mais na federação, eu recebo, mas também, ao mesmo tempo, a federação recebe graças ao meu trabalho. Ou seja, é um caminho de mão dupla. Essa é a minha parte particular. Agora, com respeito a como é que ela está organizada nas cidades, na maioria das cidades existe um conselho municipal de desportos, uma secretaria municipal dos desportos. Todos os nossos grupos estão ligados a nossa federação geralmente a uma associação que está ligada a esses conselhos. Então, tudo o que eles fazem está ligado à movimentação do município. Ao mesmo tempo em que tem essa movimentação do município, existem programas assistenciais para pessoas carentes, para pessoas que tem problema de deficiência. Também estão trabalhando em conjunto. Isso são normas de cada associação que está ligada na federação e as prefeituras, cada vez que tem um evento, um campeonato, cedem ginásio, patrocinam o evento. Então, é um trabalho de mão dupla.

H.A. – É isso então, muito obrigada.

A.A. – Muito obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]